

[Oracula, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, 2005]
ISSN 1807-8222

PROCURAI VÊ-LO!

MISTICISMO VISIONÁRIO E ASCENSÃO NO EVANGELHO DE TOMÉ

Por Célio Silva¹
São Paulo, SP

Uma resenha de: CONICK, April D. De. *Seek to See Him: Ascent and Vision Mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden/New York, Köln/Brill: 1996. 216p. (Supplements to Vigiliae Christianae, 33).

“Eis as palavras secretas ditas por Jesus, o Vivente, escritas por Judas Tomé, o Gêmeo.”²

Com estas palavras inicia-se o Evangelho de Tomé, “o Gêmeo”, designação nada arbitrária, porém carregada de sentido profundamente espiritual. Por que “Gêmeo”? A resposta se encontra no *Lógion* (dito) 13, em que, diante do pedido de Jesus para os apóstolos o assemelharem a alguém, Tomé responde não lhe ser possível compará-lo a qualquer outro. Em resposta, Jesus lhe diz:

“Eu não sou teu Mestre, porque tu bebeste, tu te embriagaste na fonte borbulhante que eu fiz brotar (ou ‘espalhar’).” E pegando-o, retira-se e lhe diz três palavras. Ora, quando Tomé voltou para junto de seus companheiros eles lhe perguntaram: “O que te disse Jesus?” E Tomé respondeu: “Se eu vos disser uma só das palavras que ele me disse, vós pegareis pedras e as lançareis sobre mim e fogo brotará das pedras e vos consumirá.”³

Desse modo, “Gêmeo” porque se tornou semelhante a Cristo, graças ao conhecimento que lhe fora transmitido.

¹ Célio Silva é Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia Evangélica (ESTE), licenciado em História pelo Centro Universitário Assunção (UniFai) e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

² KUNTZMANN, Raymond, DUBOIS, Jean-Daniel. *Nag Hammadi: o Evangelho de Tomé*, p.50.

³ Idem. p.51.

Tão cheio de segredos em relação à sua origem, tão místico no que concerne à sua natureza, o Evangelho de Tomé tem sido objeto de grandes discussões nos meios acadêmicos. Sua linguagem “esotérica” tem pintado o retrato de um Jesus muito interessante, cuja função está mais para a de um “revelador” do que para a do Cristo crucificado sendo, portanto, diferente do Messias paulino, bem como do joanino ou daquele apresentado pelos sinóticos. Aqui surge a pergunta: de onde vem essa representação cristológica? Que significado possui ela nos *Logia* ou ditos dos quais esse Evangelho é formado? Essa é a questão que April D. de Conick procura responder em sua obra, discutindo sobre a procedência das doutrinas tomistas e sua relação com movimentos de tendências místicas do século I a.D.

O EVANGELHO DE TOMÉ SERIA GNÓSTICO?

Iniciando sua argumentação, a autora apresenta um histórico da pesquisa sobre o Evangelho de Tomé associado aos nomes de H.-Ch Puech e G. Quispel (p. 3-11).⁴ Este autor considera Tomé um documento de tradição encratita, sendo o primeiro texto a utilizar a palavra *monachós*, isto é, “solitário” ou “solteiro”, estando de acordo com o cristianismo relacionado a Edessa.

Segundo Clemente de Alexandria, em *Stromata* 3, o encratismo pregava que a ressurreição já ocorrera e o pecado original iniciara-se com a separação dos sexos. Daí o ascetismo característico da seita, com forte tom na abstinência de carne, vinho e de sexo. Vemos tais ensinamentos também em Tomé, no qual o mundo identifica-se com a morte (*Lógion* 56) e a matéria existente (*Lógion* 80), devendo ser renunciado (*Logia* 27, 110), o que inclui uma “vida solteira” ou de celibato. Portanto, a exegese tomista está baseada no ponto de vista encratita de Gênesis com respeito à Queda (*Logia* 4, 11, 22, 23, 37, 46, 49, 75, 114) e em sua cosmovisão.

Em relação às fontes que contribuíram para a formação do Evangelho de Tomé, G. Quispel considera uma terceira ao lado da encratita e da judaico-cristã: a dos ditos herméticos, fonte esta a que ele atribui alguns *Logia*: 3, 7, 50, 67, 80, 87, 111b, e 112. Por definição, a tradição hermética constituía-se de um movimento religioso greco-egípcio que promovia a fé na divinização do homem através da pureza sexual.

⁴ Os autores mencionados na resenha e suas respectivas obras aparecem no livro de April D. De Conick, de maneira que o comentarista se abstém de citá-los formalmente. Os números de páginas entre parêntesis remetem à obra de De Conick, objeto da presente resenha.

Nos anos de 1960, por ter sido encontrado na coleção de Nag Hammadi, o Evangelho de Tomé foi associado ao gnosticismo (R.McL. Wilson, E. Haenchen e H. Koester, por exemplo), mas tal afirmação não parece convincente, já que “vários documentos nela não pertencem ao gnosticismo” (p.11). Ora, o Evangelho de Tomé possui motivos similares aos da tradição órfica, platônica e hermética e não parece gnóstico por carecer do mito da queda de Sofia ou do Homem (em Tomé, o Erro Universal não ocorre na divindade, mas no homem – ver *Lógion* 85, o qual insiste que Adão, havendo se originado no “Grande Poder”, tornou-se indigno dele). Da mesma forma, “Tomé relaciona-se com as tradições judaica e judaico-cristã ao estabelecer que Adão foi criação da hipóstase de Deus, o Grande Poder”(p.17). Sua Queda se dá na separação dos sexos (*Lógion* 11) e, ao clamar pelo retorno ao estado antes dela, ou seja, da divisão dos sexos, Tomé se relaciona ao encratismo. O *Lógion* 114 do Evangelho de Tomé parece se referir à história de Gênesis e aponta que a concupiscência de Adão deve ser retificada, não o erro de Sofia:

Disse-lhes Simão Pedro: “que Maria nos deixe, pois as mulheres não são dignas da vida”. Jesus disse: “eu mesmo a guiarei para fazê-la macho, de maneira que ela também pode tornar-se um espírito vivo assemelhando-se a vós machos. Pois toda mulher que se fizer macho a si mesma entrará no Reino do Céu” (p.18).

Não obstante o Evangelho de Tomé desenvolver idéias como a de “Luz” (Gn. 1,3 – com base na tradição exegética judaica) e aplicá-la a Cristo (considerado a origem do cosmo) e a alguns seres humanos (os eleitos), ele não é originário da gnose, uma vez que tais conceitos não o transformam em gnóstico no sentido lato da palavra. Pode-se afirmar que, posteriormente, o gnosticismo utilizaria esse documento e o interpretaria ao seu sabor, como fez com muitos outros, inclusive textos canônicos.

UM EVANGELHO MÍSTICO

April D. De Conick sustenta que o Evangelho de Tomé é de natureza mística e pré-gnóstica. Para isto, ao lado das bases sugeridas por G. Quispel (encratismo, judeu-cristianismo e hermetismo), a autora propõe também o misticismo judaico do século I a.D., que estaria na base da literatura da *Hekhalot* (esta florescendo posteriormente, no início do séc. III a.D.) e do misticismo *Merkavah*, que se refere às tradições esotéricas relacionadas à visão do “carro-trono” de Deus, tal como aparece em Ezequiel 1. Oriunda da apocalíptica, por sua vez as características dessa linha seriam “as práticas mágicas para a ascensão: jejum, técnicas de purificação, a recitação de nomes secretos dos anjos, hinos elaborados e orações” (p.28).

Segundo a autora, a literatura *Hekhalot* teria absorvido tradições apocalípticas em torno de Ezequiel 1, as quais descreviam viagens celestiais e a visão do trono de Deus (p.29-30). Ela conclui que os círculos apocalípticos judaicos estavam na base da tradição mística que aparece nos materiais da *Hekhalot* (p.30) e, para provar tal ponto de vista, recorre à existência de grupos de cunho místico no judaísmo do século I a.D., tais como os *Therapeutae* citados por Filo (*De vita. Con. 11*), que possuíam tendências à ascensão e visão de Deus, bem como, provavelmente, uma vida pautada no rigor do ascetismo. Os documentos de Qumran revelariam outro grupo com propensão à elevação mística (p.33). Também a literatura filoniana provê rico material sobre o misticismo judaico, agora sob a influência do helenismo, das religiões de mistério e da *Merkavah*. Dos dois primeiros, ele teria absorvido a idéia da ascensão da alma para Deus.

Não somente o judaísmo, mas também grupos cristãos teriam sido influenciados por essas correntes. Através de exercícios místicos, abstinência sexual e de alimentos, o fiel procuraria ascender ao céu e alcançar a visão de Deus. Este seria o caso do grupo que produziu o Evangelho de Tomé. O *Lógion 50* aponta para a “origem divina” dos tomistas, o que, segundo De Conick, relaciona-o a uma herança hermética, uma vez que as questões sobre a origem e destino humanos foram levantadas no contexto helenístico (por exemplo, a alma deveria vir de algum lugar, depois se libertar do corpo e retornar para a sua realidade original). Também os procedimentos que deveriam acompanhar a alma no *pós-mortem*, tais como os interrogatórios no encontro com anjos poderosos que tentariam barrar-lhe a passagem para os níveis superiores (até o sétimo céu) poderiam ser antecipados através da experiência de ascensão *pré-mortem*.

No *Lógion 50*, Jesus diz que seus seguidores vêm da luz. O tema da luz como fonte de todas as coisas é comprovado em textos judaicos (4 Esd. 6,39; Gn. 1,3), em Filo de Alexandria (*Quod Deus sit Immutabilis 58*) e na tradição hermética, onde é mencionada como “lugar” (*Lógion 50*). Conforme De Conick, o Evangelho de Tomé conecta-se a essas doutrinas no *Lógion 50*, “onde se diz que o ser humano originou-se do ‘lugar’ aonde a luz veio a ser” (p.71). E se, de acordo com o *Lógion 24*, Jesus “habita neste lugar” (p.71) e os discípulos pedem-lhe que o mostre a eles, “pois devemos procurá-lo” (p.71), isto significa que os seguidores de Tomé acreditavam poder ascender até onde ele, a Luz, estava. Desta maneira, torna-se claro que o tom do grupo cristão sob o Evangelho de Tomé é o da ascensão mística.

A autora faz a observação, no mínimo curiosa, de que o Evangelho de João, ao fazer Jesus prometer a reunião de seus seguidores com ele no futuro, discorda da doutrina tomista da ascensão mística como meio do fiel ver a Jesus na sua glória antes de sua morte.

[...] João pode estar atacando a tradição da ascensão encontrada no *Evangelho de Tomé* quando ele faz Tomé confessar: “Senhor, não sabemos onde tu estás indo; como podemos saber o caminho?” (14.5). Assim, para a comunidade joanina, a teologia da ascensão mística de *Tomé* é inoperativa. João constrói um caso contra a asserção de *Tomé*, de que os seguidores devem procurar o lugar onde Jesus está agora, transmitindo que Jesus afirmou que era impossível segui-lo ao céu. João ensinou que Jesus ascenderá e, quando o lugar estiver pronto, ele retornará e levará seus fiéis para este lugar preparado. (p.73)

O *Lógion* 50 menciona “movimento e repouso” como sinal do verdadeiro seguidor de Jesus. Não obstante a expressão estar vinculada a um sentido gnóstico, não precisa ter se originado no gnosticismo, já que é tema do hermetismo, no qual o “movimento” é explicado como “a ordem cósmica” (p.93) e o “repouso” está relacionado a Deus, o “Motor Imovido” (p.94). A autora conclui:

Assim, a compreensão do universo tem influenciado o *Logion* 50. O que caracteriza a pessoa digna de ascender, de acordo com o *Logion* 50, é que ela não é somente parte da ordem cósmica do movimento, mas também participa da imobilidade de Deus, o estado de repouso [...] (p.95).

Outro elemento que caracteriza a natureza eclética do Evangelho de Tomé é o da glória oculta do Pai. A autora procura demonstrar como a tradição do prostrar-se diante do trono de Deus, contemplando dessa maneira a Sua glória, tal como é citada no *Lógion* 15, provém de círculos apocalípticos (1Enoch 14, 24, por exemplo) e da tradição judaica. Também a concepção da *Kavod* oculta, mencionada no *Lógion* 83:

Jesus disse: “as imagens são manifestas ao homem, mas a luz nelas permanece oculta na imagem da luz do Pai. Ela [a luz] tornar-se-á manifesta, mas sua imagem [do Pai] permanecerá oculta pela sua luz” (p.101).

O judaísmo cultivava a idéia de que se alguém visse a Deus, morreria; daí o papel da glória de Deus que, por sua vez, sofreria diversos desenvolvimentos (cf. Êx. 16,10b; 24,16-17; Nm. 17,7; 1 Rs. 8,10-11; Ez. 1,26-17). O Evangelho de Tomé pode ter transmitido idéia similar ao citar as palavras de Jesus: “não há nada oculto que não se tornará manifesto” (*Lógion* 5). Os tomistas estariam pensando na Glória oculta do Pai, “a qual se lhes tornaria descoberta durante sua

experiência de ascensão” (p.103). Corroborando com essa interpretação De Conick cita o *Lógion* 59, que afirma: “Jesus disse: procurem o Vivente enquanto estais vivos para que não morrais” (p.123).

A autora relaciona o *Lógion* 27 à “visão de Deus” (*visio Dei*): “se não jejuardes do mundo, não encontrareis o Reino. Se não observardes o Sábado como o Sábado, não vereis o Pai” (p.126). Segundo sua interpretação, a primeira cláusula, “se não jejuardes do mundo”, faz paralelo com a terceira, “se não observardes o Sábado como o Sábado”; e a segunda, “não encontrareis o Reino”, com a quarta, “não vereis o Pai”. Desta maneira, o dito estaria refletindo um judeu-cristianismo místico sírio, de ideal encratita, que enfatizava o Jejum/Sabath (abstinência, seja alimentar, seja sexual), como modo de preparar-se para ascender à visão de Deus. Não é incomum que, no judaísmo, tal preparação ocorresse antes da experiência mística (cf. Dn. 10,3; 4 Esd. 5,13; 5,2; 6,31), o que também é atestado em Filo de Alexandria, nos *Tearapeuthae* (citados por ele) e em Qumran. April D. De Conick escreve: “No *Lógion* de Tomé o encratismo está ligado intimamente com a *visio Dei* e sua soteriologia transformativa” (p.147). E a contemplação de Deus associa-se à identificação do fiel com sua “imagem” celestial, conforme o *Lógion* 84:

Quando virdes vossa semelhança, regozijai-vos. Mas quando virdes vossa imagem a qual veio ao ser antes de vós, e a qual não morre e nem se torna manifesta, quanto tereis de suportar! (p.148).

A temática da “imagem” como a “contraparte celestial” do indivíduo (ou seu “anjo”) encontraria um pano de fundo tanto no hermetismo quanto no judaísmo do primeiro século, o qual, daquele, teria absorvido elementos para a concepção acima esboçada. Esta especulação estaria conectada a uma ênfase na experiência mística, como demonstra a própria autora:

Parece que o *Lógion* 84 não somente testemunha noções judaicas primitivas do anjo guardião ou duplo celestial de alguém, mas também idéias herméticas de que a visão de Si mesmo é uma experiência transformadora na qual alguém participa da natureza divina [...] (p.171).

Para finalizar a exposição das teses de April D. De Conick, à guisa de conclusão é mister apresentá-las sumariamente. São elas:

1. O Evangelho de Tomé relacionava-se com a tradição hermética, o encratismo, o judeu-cristianismo e o misticismo judaico primitivo (aqui considerando também a literatura apocalíptica), não sendo produção do gnosticismo, pois este seria posterior.
2. O grupo dos tomistas ensinava que a experiência mística, preparada por exercícios ascéticos que incluíam o jejum e a abstinência sexual, consistia na ascensão *pré mortem* da alma ao paraíso. Preparava, portanto, a experiência da *visio Dei*.
3. Eles se consideravam os “filhos da luz”, oriundos dela e que tenderiam a voltar para o seu “lugar” de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no mínimo interessante a perspectiva em que April D. De Conick coloca o Evangelho de Tomé. Sua abordagem abre uma nova visão do Cristianismo Primitivo que supera o simples dualismo “gnosticismo” *versus* “cristianismo” proposto por várias vezes. Ela proporciona instrumental para se repensar as relações entre judaísmo, cristianismo e helenismo, que teriam sido muito mais complexas do que o padrão tradicional tem sugerido. Mesmo um autor do gabarito de Rudolf Bultmann pode ser olhado de maneira crítica quando simplesmente coloca o gnosticismo na base do cristianismo de tipo helenista, conforme suas próprias palavras:

A mitologia, com cuja conceituação o Novo Testamento se expressa, é, fundamentalmente, a da *apocalíptica judaica* e a do *mito gnóstico da redenção*. [...] Este, o gnosticismo, fala da redenção trazida pelo filho de Deus enviado desde cima, do mundo da luz. Ele veio ao mundo em forma de ser humano, libertando os seus através de seu destino e de sua doutrina e desbravando o caminho para a pátria celestial.⁵

Atualmente, a pesquisa tende a considerar tal afirmativa anacrônica.

Quanto ao Evangelho de Tomé, autores como Raymond Kuntzmann, Jean-Daniel Dubois⁶ e John P. Meyer, acreditam numa origem gnóstica, chegando este último a afirmar que “a intenção dominante do redator do *Evangelho de Tomé* é gnóstica e que as palavras semelhantes às dos Sinópticos devem ser (re) interpretadas de acordo com seu ‘genuíno’ e secreto significado

⁵ BULTMANN, Rudolf. Novo Testamento e mitologia. In: *Crer e compreender: artigos selecionados*, p.24. Cf. também BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, p. 217-238.

⁶ KUNTZMANN, Raymond, DUBOIS, Jean-Daniel: “[...] este evangelho dá interessante exemplo da reutilização gnóstica da substância evangélica da qual os canônicos são os representantes ortodoxos”. In: *Nag Hammadi: o Evangelho de Tomé*, pp. 45-6.

gnóstico”.⁷ A conclusão a que chega é a de que o autor de Tomé teria se utilizado dos Evangelhos Sinóticos, adaptando certas passagens segundo seus interesses.⁸ No entanto, April D. De Conick apresenta bons argumentos para demonstrar que a tradição tomista é pré-gnóstica e bem poderia remontar ao século I a.D. – o que colocaria em dúvida a afirmação de John Meyer citada acima.⁹

A linguagem de Tomé é muito parecida com a joanina, embora as tradições sejam antagônicas. A escatologia, por exemplo, assemelha-se na ênfase que se dá ao Reino “aqui e agora”.¹⁰ Elaine Pagels expõe a questão ao mostrar o caráter antitomista do Evangelho segundo João: ele enfatiza Cristo – e não os eleitos – como a Luz; a dependência da fé em Cristo para a salvação – e não o efetuar de sua (dos eleitos) auto-salvação.¹¹ April D. De Conick contribui com o debate, argumentando que a menção a Tomé no Evangelho de João descaracteriza os ensinamentos apresentados pelo grupo tomista e que aparecem no seu Evangelho (de Tomé). Por exemplo, em Jo. 13, 3 (“onde eu estou, vós não podeis vir”) seria uma polêmica direta à doutrina da ascensão mística para o “lugar” onde Jesus está, tal como se encontra em Tomé.¹² João também põe na boca desse apóstolo as seguintes palavras: “Senhor, não sabemos para onde vais, como saberemos o caminho?” – Jo. 14,5.¹³ Segundo Elaine Pagels, o autor do quarto Evangelho faz menção a Tomé como um discípulo descrente que depois chega a reconhecer o Cristo em sua divindade (“Senhor meu e Deus meu!” – Jo. 20,28).¹⁴

De Conick traz uma contribuição muito grande ao conhecimento do Cristianismo Primitivo ao postular as relações pelas quais nos é mostrada uma realidade cristã, no primeiro século, muito mais complexa do que imaginávamos. A figura de Jesus de Nazaré, um tanto escondida sob camadas de tradições e interpretações do que ele teria dito e feito, inspirou a existência de grupos diversificados, que brotaram do chão sincrético da civilização helenista; grupos que criaram novas formas de expressão e, porque não dizer, “auto-afirmação”, alternativas para se

⁷ MEYER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*, v.1, p. 131. Também Manuel Alcalá: “[...] é possivelmente muito mais provável que o Evangelho de Tomé responda à deformação tipicamente gnóstica de alguns textos canônicos, concretamente dos evangelhos sinóticos”. In: *El Evangelio copto de Tomás: palabras ocultas de Jesús*, p. 21.

⁸ MEYER, John. *Um judeu marginal*, p. 143.

⁹ Um autor que data o Evangelho de Tomé no séc. I a.D. é John Dominic Crossan. Cf. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, pp. 465-6.

¹⁰ PAGELS, Elaine. *Beyond belief: the secret Gospel of Thomas*, pp. 49-51.

¹¹ PAGELS, Elaine. *Beyond belief*, pp. 52-73, onde a autora escreve: “João teria escrito seu Evangelho para refutar o que Tomé ensina” (p.58).

¹² CONICK, April D. De. *Seek to see him*, pp. 72-3.

¹³ CONICK, April D. De. *Seek to see him*, p.73.

¹⁴ PAGELS, Elaine. *Beyond belief*, pp. 71-2.

viver num mundo dificultado pela dominação política e ideológica, o mundo dos que praticavam os ensinamentos de “Tomé, o Gêmeo”.

BIBLIOGRAFIA

ALCALÁ, Manuel. *El Evangelio copto de Tomás: palabras ocultas de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1989. 116p.

BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender: artigos selecionados*. Trad. Walter O. Schlupp e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1987. 254p.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2004. 928p.

CONICK, April D. De. *Seek to see him: ascent and vision mysticism in the gospel of Thomas*. Leiden/Nova Iorque: Köln/Brill, 1996. 216p. (Supplements to Vigiliae Christianae, 33).

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Trad. André Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 546p. (Coleção Bereshit).

KUNTZMANN, Raymond, DUBOIS, Jean-Daniel. *Nag Hammadi: o Evangelho de Tomé*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1990. 184p. (Documentos do Mundo da Bíblia – 6).

MEYER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Trad. Laura Rumchinsky. 3 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1992. v.1. 488p. (Coleção Bereshit).

PAGELS, Elaine. *Beyond belief: the secret Gospel of Thomas*. Nova Iorque: Random House, 2003. 246p.